

# O CURSO DAS ÁGUAS-POEMAS DE ACLYSE MATTOS E A FLUIDEZ DA POESIA MATO-GROSSENSE

\*\*\*

## THE COURSE OF THE WATERS-POEMS BY ACLYSE MATTOS AND THE FLUIDITY OF MATO-GROSSENSE POETRY

Priscila Darolt<sup>1</sup>

Isaac Newton Almeida Ramos<sup>2</sup>

**Recebimento do Texto:** 08/04/2025

**Data de Aceite:** 01/05/2025

**Resumo:** Este artigo analisa a poética de Aclyse Mattos e desdobramentos na história da literatura produzida em Mato Grosso. São apontadas características regionais que ressurtem na abstração do eu lírico como a própria moldura da poesia em duas de suas obras: *Quem muito olha a lua fica louco* (2000); *Festa* (2012). Há um diálogo recorrente com autores/textos precursores que poetizavam o Pantanal e destacavam aspectos da cuiabania. O poder metafórico das águas como perspectiva de resistência de uma literatura que nasce distante do eixo Rio-São Paulo, mas que ganha força e escorre na dimensão do tempo, desaguando nas águas-poemas de Mattos.

**Palavras-chave:** Literatura Mato-grossense. Pantanal. Poesia. Regionalismo.

**Abstract:** This article analyses the poetics of Aclyse Mattos and developments in the history of literature produced in Mato Grosso. Regional characteristics are highlighted that reappear in the abstraction of the lyrical self as the very framework of poetry in two of his works: *Quem muito olha a lua fica louco* (2000); *Festa* (2012). There is a recurring dialogue with pioneering authors/texts that poeticised the Pantanal and highlighted aspects of Cuiabá culture. The metaphorical power of water as a perspective of resistance in literature that originated far from the Rio-São Paulo axis, but which gained strength and flowed through time, emptying into the waters-poems of Mattos.

**Keywords:** Literature from Mato Grosso. Pantanal. Poetry. Regionalism.

---

1 Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso. Pesquisadora em lírica contemporânea, literatura produzida em Mato Grosso e poéticas vanguardistas. Em 2021 publicou a dissertação de Mestrado intitulada *A Dessacralização das Divindades e a Subversão na Poética de D. Pedro Casaldáliga*. Participou como autora e revisora do Volume I do *Ensaio de Lírica* (2020) e autora e organizadora do Volume II do *Ensaio de Lírica* (2024). Atualmente é professora da Educação Básica na rede estadual de ensino de Mato Grosso – Seduc-MT. E-mail: priscila.darolt@unemat.br

2 Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP (2011). Mestre em Letras pela USP (2002), na mesma área. Graduação em Letras pela UFMS. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos da Arte e da Literatura Comparada (UNEMAT). Poeta e crítico. Atua nos seguintes temas: Poema Visual, Intensivismo, Concretismo, Poesia Experimental, Poema Processo, Wladimir Dias-Pino, Silva Freire e Manoel de Barros e D. Pedro Casaldáliga. Membro da ALB (Academia de Letras do Brasil) Amazonas e da ABEPPA (Associação Brasileira de Escritores e Poetas Pan Amazônicos). Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL - UNEMAT). E-mail: isaac.ramos@unemat.br

## Introdução

A estruturação do primeiro sistema literário de Mato Grosso tem seu marco inicial na proposta de D. Aquino e José de Mesquita, entre o final do século XIX e início do século XX. Ambos estabeleceram o modelo canônico de produção do estado e consolidaram os principais pilares da época, como a Academia Mato-grossense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Suas produções se desenvolveram, geralmente, a partir de temáticas ligadas à cultura e paisagens mato-grossenses, sob um viés descritivo, que valorizavam sua exuberância e singularidade.

Proposições de Candido (1981), ao definir a formação do sistema literário no país, aponta três fatores primordiais: autor, obra e público integrados e articulados entre si, os quais potencializam a criação de uma tradição literária. Para a construção da autonomia literária, o teórico estabelece que o texto não pode se tratar de fenômeno isolado, porque reflete estruturas sociais, políticas e culturais de seu tempo.

Em Mato Grosso, no período citado, houve certa regularidade em publicações que se alinhavam com a tradição local e projetavam um estado próspero. Essa conexão entre os autores e seus textos permitiu um diálogo com as vivências da comunidade e incorporou elementos regionais, favorecendo o crescimento do público leitor, que se identificava com essas obras e permitiu que o próprio sistema se retroalimentasse. Dessa forma, esses elementos passaram a ser aquilo que os identificava, produzindo unicidade e a legitimação de um local.

Ao analisar a poesia produzida em Mato Grosso, vemos uma dimensão de obras significativas que circundam as mais diferentes esferas poéticas. Diante desse quadro, autores como Lobivar Matos, Manoel de Barros, Wladimir Dias-Pino, Silva Freire, dentre outros, criaram um panorama propício à fomentação da literatura modernista no estado. São referenciais importantes para a construção de uma nova geração literária e constituem a base da produção de autores da contemporaneidade que, embora dialoguem com a poesia produzida no eixo Rio-São Paulo, conectam-se com os nomes mato-grossenses e sua produção acentuada neste local.

Nesse fluxo contínuo de escritas não podemos esquecer o percurso

trilhado pelas revistas de cunho modernista, que ampliaram a visão literário-cultural da região. Com a presença delas na vida de parte da população, especialmente da capital Cuiabá, engendrou-se no estado a inserção das letras que, predominantemente, apresentavam-se na forma estética Romântico-Parnasiana. Dentre elas: *Pindorama* - Revista de Crítica e Literatura (1939), *Arauto de Juvenília* (1949), *Sarã* (1951) e *Ganga – Jornal de Cultura* (1951). Ainda nesse mesmo período surgiu o Intensivismo (1951), que propunha uma estética literária inovadora e vanguardista. Foi necessário haver um ponto de convergência entre os autores, o que, nesse caso, se deu por meio das revistas.

Mahon (2021) contribui para diagnosticar como se deu a formação dessa proposta geracional. Reconhece as particularidades e complexidades existentes quanto à inclusão dos nossos autores no cânone brasileiro. Compreende que estamos vigentes em uma busca pela identidade, tentando equilibrar-nos entre o isolamento geográfico e a necessidade de inserção no contexto nacional.

O termo “matogrossismo”, utilizado por Castrillon-Mendes (2020), sugere uma forma particular de regionalismo que, em vez de provocar isolamento e separação, construiu ao longo dos anos uma maneira de ultrapassar as fronteiras locais, com o intuito de integrar-se ao mosaico nacional. Os discursos laudatórios de outrora que poetizavam a natureza pura, adjetivada, produzidos na primeira metade do século XX, são responsáveis pela forma que a literatura ressoa no agora. De imediato, percebe-se um cenário de ruptura, assim como de continuidade. Este é o cabedal da produção literária de Mato Grosso.

A tradição literária de Aquino e Mesquita, seguida da ruptura proposta pelo Modernismo e, no estado, pelo Intensivismo, posteriormente, o Concretismo, Neoconcretismo, poema-processo e poesia marginal, desembocam nas décadas finais do século XX, no poema ou poesia visual. É nessa fonte que, em meados da década de 80, surge o contemporâneo Aclyse Mattos.

Seus textos exprimem uma mensagem irreverente e brincam com as distintas fases da literatura brasileira. Inicia pela proposta visual, com a publicação de *Assalto a mão amada - e outras histórias cantadas* (1985) que, assim como em *Papel Picado* (1987), se desenvolvem a partir de estéticas pós-vanguardistas.

Após retornar ao estado, aos 31 anos de idade, Mattos produz *Quem muito olha a lua fica louco* (2000). Obra marcante que reluz elementos da regionalidade

como a lapidação de um diamante embruteado. O poeta, ao mesmo tempo que escreve, cintila uma pintura dos céus de Mato Grosso. São desenhados os gracejos da chuva, da lua e do próprio céu refletido nas águas do Pantanal. Mais de setenta anos após as ideias estético-literárias de D. Aquino e, posteriormente, Silva Freire serem concretizadas no estado, o regional ressurgiu na abstração do eu lírico como a própria moldura de sua poesia. Não prejudica, não desvaloriza, mas potencializa a escritura e os recursos ali explorados, criando uma identidade que permite à literatura produzida no estado ganhar espaços muito além de uma demarcação territorial.

\*\*\*

A seguinte obra poética publicada por Mattos é intitulada *Festa* (2012), que se assemelha a anterior quando reflete e iconiza a abstração do local, sua cultura e nesta, em específico, o linguajar “cuiabano”, a partir das canções formatadas na parte 2 do livro. A música é elemento fulcral da vida e obra de Mattos e *Festa* simboliza o Mato Grosso, em uma celebração de (re)criações da cuiabania.

A última de suas obras poéticas, até o presente momento, é *Com por: poesias* (2020) e traz um diálogo promissor com nomes e períodos da literatura. Nela é possível reconhecer um poeta leitor muito perspicaz e atento, que permite fazer sua poesia saltar qualitativamente. A sensação é que existe um compilado de propostas que reverberam no mundo das letras com dinamismo, comunga com o Simbolismo, tem seu mestre maior em Mallarmé, cruza o Intensivismo, o Concretismo, a Poesia Visual, e divisa na contemporaneidade. Aqui há a primazia de uma produção poética que não mais necessita salientar a regionalidade como pressuposto identitário, pois articula a universalidade e o formato atemporal em si própria.

Nessa proposta de análise, atentamo-nos aos espaços poéticos inseridos na localidade. São enlevados aspectos naturais, como a paisagem, o clima, o ciclo das águas, a representação da fauna, a formação dos bairros e principais ruas e cidades. A percepção que temos é que os poemas fluem como as águas e assim como as próprias fases da lua. Para o autor, tanto *Quem muito olha a lua fica louco* quanto *Festa*, são dois livros que partem muito da sua experiência e/ou vivência natural, real. Indagado sobre a visão que tem do estado e da capital:

Mato Grosso: Puxa! Tanta inspiração para poesia, tanta possibilidade aberta tanto para um Paraíso passado quanto para um Novo Mundo utópico.

Cuiabá: Meu ninho no tempo e no espaço. A criança que sou, o jovem que fui. Uma memória que ainda existe em minha mente. O mundo na porta de casa (MATTOS,<sup>3</sup> 2022, s/p).

Após um longo período de estudos em São Paulo e Rio de Janeiro, ao reencontrar Cuiabá, em 1989, viu uma cidade diferente, com maior número de habitantes, misto de culturas entrelaçadas e o cenário modernizado. Foi então, por meio da poesia, que o autor se recusou a desprender-se totalmente das recordações da infância e utilizou-se da sinestesia poética que circundava a capital, como mencionado em entrevista “Quando vim uma das vezes de avião e a porta se abriu reconheci o cheiro de Cuiabá (doce, floral, mato – entendi os perfumistas).” (MATTOS, 2022, s/p) e tinha cheiro e gosto específicos em suas reminiscências.

O poema descrito abaixo é apresentado sem título e coincide com a maneira como o eu lírico retrata e se posiciona nessa relação com o local. Todas as descrições são feitas para que, no fim, um objetivo específico se concretize: “para que o poema se faça”. Existe uma comunhão perfeita entre o ser e o ambiente. Tudo propício para que o instante seja absorvido e a linguagem humana se conecte com o divino para a escritura do poema. Esta, podendo ser feita nas minúcias, no silêncio e no quadro pictórico produzido pelas aves, pelas grandes árvores secas, pelo intenso calor do sol.

Fui mais uma vez pescar no Pantanal  
as águas quase lentas  
pela altura dos joelhos

Companheiros:  
biguás, tuiuiús e garças brancas  
com sua elegância filha  
das grandes árvores secas  
(seus dedos longos ramos intrincados  
chamam a deus mais claro que as palavras)

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida para a pesquisa de doutoramento *Entre/versos e intra/imagens no invencionismo de Acllyse Mattos*.

E ele veio  
Parece que esse deus se chama sol  
e a tudo alaga, inunda e predomina  
retêm as próprias sombras e termina  
por deter também o tempo

Silêncio  
Nada se move  
uma presença ausente  
como o peixe que não vem  
nem há mosquitos, nem zumbidos  
Tudo é contido e se distende

a longa horizontal da linha água  
o verde capinzal com flores alvas

Súbito os patos voam dos caniços  
grasnando como negra tempestade  
voltam as nuvens, sombras, cristas água  
o tempo recupera sua estrada

nada mais que um encontro dos deuses  
para que o poema se faça (MATTOS, 2000, p. 20-21)

A atividade pesqueira carregada de emotividade declara a presença da poesia nos atos corriqueiros. O estado poético reflete a comunhão entre ser humano e natureza, em uma imersão tão poderosa que suspende a precisão do tempo, vinculando-o à eternidade.

O ciclo das águas move o ciclo da vida e cultiva a poesia. Tantos outros poemas de Mattos, na maioria de suas obras, trazem como pano de fundo os rios, a pesca, a chuva, as fases lunares, todos conversam entre si, todos falam a língua de um povo. Por muito tempo a pesca, em especial no Pantanal Mato-grossense, foi um dos principais modos de subsistência da população. O ritmo das águas ditava o modo de vida dos ribeirinhos e pantaneiros, que sabiam lidar com os diferentes períodos: seca, cheia, vazante.

Silva & Silva desenvolveram uma pesquisa significativa que compreendeu os primeiros registros de pescadores no Rio Cuiabá, que datam o ano de 1751:

Pode-se supor que as comunidades pesqueiras do Rio Cuiabá formaram-se, principalmente, a partir da abolição de

escravatura, quando um contingente negro foi liberto e, sem terras ou possibilidade de adquiri-las, instalou-se próximo às margens do rio Cuiabá, combinando atividades agrícolas com a pesca (SILVA & SILVA, 1995, p. 45).

Enquanto atividade comercial significativa, o processo teria iniciado na década de 1960, decorrente da decadência das usinas açucareiras implantadas às margens do rio Cuiabá. De uma forma ou de outra, a quantidade de rios e planícies alagadas no estado, possibilitou que tal atividade estivesse sempre presente no cotidiano da população e isso é reforçado pelo verso “Fui mais uma vez pescar no Pantanal”.

O paradoxo existente em “uma presença ausente” em que “nada se move” revela o período do dia pincelado por cores de um sol ardente, que é tratado como um deus porque “a tudo alaga, inunda e predomina” e “retêm as próprias sombras”. Surgem alguns indicativos de que a pesca poética acontece em um período de vazante e corresponde a uma prática esportiva, como ditam os versos: “as águas quase lentas / pela altura dos joelhos”.

Sobre o período da vazante:

[...] em função do aumento da transparência da água, pesca-se à noite, quando os peixes de maior porte aproximam-se das margens à procura de presas menores. As noites escuras e sem luar são as preferidas pelos pescadores, porque as claras e com luar, atraem a presença de piranhas que, de acordo com eles, podem preda os peixes fisgados pela armadilha (SILVA & SILVA, 1995, p. 105).

Assim como as águas da vazante, as palavras escorrem e criam a tessitura do poema, posto que a poesia já estava ali. Feito um pretexto poético, os peixes-palavras se movimentam no curso do rio-poema e a pescaria em versos acontece.

Nesse momento de contemplação, o tempo se rompe quando a atividade pesqueira se estende além das horas do dia, quando “voltam as nuvens, sombras, cristas d’água”, sugerindo o entardecer. O eu poético desperta de seu estado de absorção, enquanto que “o tempo recupera sua estrada”, a partir do grasnar dos patos, comparados a uma “negra tempestade”, ao invadir o silêncio e a luz do dia.

Nas palavras do poeta, são “experiências primárias de vida real” trazidas

para o campo literário que refletem na cidade e nas vivências: “Meu ninho no tempo e no espaço. A criança que sou, o jovem que fui. Uma memória que ainda existe em minha mente. O mundo na porta de casa.” (MATTOS, 2022, s/p).

As “garças brancas” “com sua elegância filha” substituem as folhas “das grandes árvores secas” e sobre os galhos, pincelam os céus com sua coloração alva, assim como as letras preenchem o espaço em branco do papel. Sua beleza as tornam cúmplices para a celebração da poesia. Os elementos que constroem o poema vão muito além da simples constatação do espaço regional, transcendem a espiritualidade e simbolizam a forma como o eu lírico traduz a força das águas, do Pantanal e de sua expressão poética.

A personificação ocorre quando “das grandes árvores secas / (seus dedos longos ramos intrincados / chamam a deus mais claro que as palavras)”. São figuradas entre as árvores mais antigas, mãos com dedos longos, a partir de galhos ressequidos que “chamam” a força poderosa do sol e expressam uma linguagem humanamente compreendida: a extensão do sol, que segundo Chevalier & Gheerbrant (1996), é símbolo de vida, calor, dia, luz, autoridade e de tudo o que brilha.

Além de vivificar, o brilho do Sol manifesta as coisas, não só por torná-las perceptíveis, mas por representar a extensão do ponto principal, por medir o espaço. Os raios solares (aos quais associam-se os cabelos de Xiva) são, tradicionalmente, sete, correspondendo às seis dimensões do espaço e à dimensão extracósmica, representada pelo próprio centro (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996, p. 836).

Outra proposição seria a de que as árvores secas, com “seus dedos longos” apontados aos céus pedissem clemência ao deus Sol que “Sob outro aspecto, é verdade, o Sol é também destruidor, o princípio da seca, à qual se opõe a chuva fecundadora.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996, p. 836).

São águas-poemas que seguem o curso da produção literária em Mato Grosso, em um período bastante significativo e revelam, assim como águas transparentes, um nicho profundo de produções que desembocam no mar que, figurativamente, representa o panorama literário brasileiro. A literatura produzida no estado participa, em caráter de igualdade, sem medições particularizadas e



regionalistas, como se o que fora escrito no local servisse apenas para quem nele vive.

Com relação ao poema descrito, Mattos trata a experiência da pesca e consegue despejar até a última gota de uma linguagem que sensibiliza através de sua poesia. Esses traços modernizantes tratam das minúcias, a exemplo de Manoel de Barros, e transcendem o contexto regional, participando do conjunto de produções contemporâneas da poesia brasileira.

O contraponto entre ter um único deus: “Parece que esse deus se chama sol”, para, no final, existir a presença de outros deuses em: “nada mais que um encontro dos deuses”, conecta o eu lírico com outros elementos apresentados, como o silêncio, na quinta estrofe, e os patos que grasnam ao voar dos caniços, surpreendidos, possivelmente, pela chuva evidenciada no verso “voltam as nuvens, sombras, cristas d’água”, na oitava estrofe.

O “silêncio” contido no texto é o responsável pela produção da carga imagética que produz a poesia. É nesse silêncio repercutido nos recônditos do país, distante de toda fruição enérgica das metrópoles, que o poema se compraz e o poeta delinea um eu lírico regozijado em sua experiência.

No poema, temos um paradoxo evidente entre dia e noite, como o ciclo de produção e perpetuação da poesia. Da primeira imagem em que “garças brancas” simbolizam a iniciação à “negra tempestade”, referente a cor da penugem dos patos, que rompem com o silêncio e anunciam que “o tempo recupera sua estrada”.

Na entrevista concedida por Mattos, ao ser questionado sobre o ofício poético:

Considero a experiência ou a vivência extratextual fundamental. O autor, no fundo, mergulha na vivência pessoal e cultural por um lado, e na experiência textual e literária por outro. Os dois lados se mesclam. Por um lado, **vem a formação de leituras**, de outro vem toda a vivência e a imersão na cultura e nos afetos vividos. Quando os poemas alcançam traduzir uma na outra, acho que o resultado fica mais vivo. Imaginação e memória são muito interligadas (MATTOS, 2022, s/p, grifo nosso).

As vivências e experiências pessoais estão conectadas à sua obra e são

perceptíveis a partir dos diálogos recorrentes com outros representantes da poesia mato-grossense.

Vejamos um segundo poema para análise “Calendário da lua e da pesca” (p. 16), ainda na mesma obra *Quem muito olha a lua fica louco* (2000):

lua nos olhos dos peixes

o cardume se apresenta  
como cinturão de satélites

A faca das águas  
se afia no luar

a fertilidade da pesca  
é tão femininamente obscena

Pescador  
em hipnose  
vendo os movimentos de circo  
da cauda dos lambaris

Tirar um peixe da água: cruel e estético

Cruel como a trama torta dos anzóis  
Estético como a luz  
desenhando escamas em saltos  
multiplicadas por gotas contra o sol

A linha do rio  
escreve nas margens:  
vida, canoas  
E portos como lua nova

Mattos interliga o céu às águas, formando um universo único e paradisíaco que emerge com “o cardume” e se apresenta sob luas reproduzidas nos olhos dos peixes, os quais se movimentam nas águas e são comparados ao “cinturão de satélites”. O verso “lua nos olhos dos peixes” vai muito além do aspecto referencial ao refletir o luar no olhar, ou até mesmo do formato côncavo dos olhos do peixe, que se assemelha à lua. Comprova que essa conexão é, profundamente, arquitetada em uma metáfora que reluz a profundidade das próprias águas, assim como a

intensidade e brilho do luar. O mesmo verso instaura a presença do surreal no poema. Essa ligação se repete ao longo de outros textos como por exemplo:

céu do pantanal  
lago invertido  
peixestrelas  
(MATTOS, 2000, p. 13).

Os substantivos peixes e estrelas são aglutinados, formando uma só palavra, uma só dimensão e caracterizando o Pantanal com a sua imensidão em um reflexo que ilumina muito além de uma região geográfica. A estrutura minimalista, semelhante ao haicai, formata, ou diríamos, captura o instante poético protagonizado pela natureza e eterniza a conexão que unifica céu e águas por meio do espelhamento. Essa inversão produz o estranhamento, possibilitado pela linguagem poética, o que resulta na multiplicidade de leituras.

A fase da lua é determinante no calendário de pesca, dentre outras coisas, e no poema é definida como “lua nova”, lua “forte” e, em específico, serve para uma boa atividade pesqueira pela baixa das águas e a saída dos cardumes para os rios. Outro fator importante são as noites escuras que esta fase lunar proporciona aos pescadores, sendo mais propício para a captura dos peixes. Essa construção imagética se dá por meio da metáfora surreal “A faca das águas / Se afia no luar”.

No estudo *No Ritmo das Águas do Pantanal* (1995) é explicitado a categorização da pesca e dos tipos de pescadores:

Na pesca verificou-se também o uso do espaço, técnicas e instrumentos de pesca, influência da lua e produtividade da fase. Foram identificadas, ainda, inúmeras variáveis da categoria “pescador”, quais sejam: redeiros, pescadores para frigoríficos, pescadores sem terra, pescadores agricultores, pescadores que tomam conta de terras alheias, pescadores temporários, que se assalariam em períodos menos rentáveis da pescaria em atividades alternativas (SILVA & SILVA, 1995, p. 13).

O poema explora, por meio dos adjetivos “cruel” e “estético”, a atividade pesqueira. O ato de “tirar um peixe da água” configura a beleza estética da cena que, para o pescador, é algo de deleite e produz a mesma sensação de prazer ao

poeta quando termina o texto ou ao pintor que, na última pincelada, aprimora sua tela. Extravagam-se sensações que ficam por horas repreendidas quando o “pescador / em hipnose” mantém-se em silêncio para não afugentar o cardume.

Ao mesmo tempo, esse ato pode ser visto como crueldade, a partir da forma utilizada para a captura, do período do ano em questão, do desrespeito à natureza que sente a mão do homem e a ganância que devasta sem piedade por onde passa. Isso se comprova no verso: “cruel como a trama torta dos anzóis”.

A imagem mais bela do poema se dá nos versos: “Estético como a luz / desenhando escamas em saltos / multiplicadas por gotas contra o sol”. A riqueza metafórica potencializa a poesia no texto ao conseguir descrever o movimento e/ou a captura dos peixes e ao reproduzir o colorido das escamas ou das gotas d’água, por meio dos fenômenos de refração da luz. Esses são os únicos versos do poema que estão deslocados e uma das hipóteses seria a de que, sua sobreposição, alude ao amontoado de escamas.

### **Considerações finais**

Os poemas aqui apresentados partem de um elemento comum, de uma atividade simplória impregnada da essência dos ribeirinhos, dos pantaneiros, enfim, do povo mato-grossense, desde os primórdios de sua povoação, seja a pesca por subsistência, atividade esportiva ou mercantil. Apesar de incitar uma localidade, em geral, o Pantanal, a orquestração do texto e o potencial apurado da linguagem, não limita essa literatura a um determinado espaço geográfico. Ocorre a transfiguração de um ato cotidiano em escritura poética.

É, sugestivamente, a metaforização da fluidez dos rios, que escoam em águas-poemas, e se tornam salutar para toda a historicização da literatura produzida em Mato Grosso. Se antes era preciso eleger elementos em comum, como a regionalização dos espaços, da cultura e dos saberes como ponto de partida das produções, hoje há mosaicos literários que dialogam com a tradição e a modernidade.

Nada mais coerente que utilizar a conotação das próprias águas para evocar o sentido da continuidade e da resistência. As águas-poemas que escorrem pelos versos de Mattos deságuam no cenário de produções contemporâneas. Os poemas analisados trazem uma cosmovisão de sua produção poética, que

ora evoca o distante Simbolismo francês, ora anuncia o Intensivismo mato-grossense. Todavia, as nascentes deles advêm de experiências com autores/textos precursores, culminando em uma essência aclyseana. Afinal, “Quem muito olha a lua fica louco” de poesia e “Quem nunca olha a lua nem pode ficar louco: já está”!

## Referências

ALMEIDA, Marinei. **Revistas e Jornais: um estudo do Modernismo em Mato Grosso**. Cuiabá: Unemat / Fapemat / Carlini & Caniato Editorial, 2012.

BOSI, Alfredo. **Entre a literatura e a história**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. **Matogrossismo: Questionamentos em percursos identitários**. 1ª edição. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2020.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. RJ: José Olympio, 1996.

LEITE, Mário Cezar Silva (organizador). **Mapas da mina: estudos de literatura em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

MAHON, Eduardo. **A literatura contemporânea em Mato Grosso**. 1ª ed. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2021.

MATTOS, Aclyse de. **Assalto a mão amada**. Rio de Janeiro: O Dia Ltda, 1985.

MATTOS, Aclyse de. **Papel Picado**. Rio de Janeiro: Edições ladrões de fogo, 1987.

MATTOS, Aclyse de. **Quem muito olha a lua fica louco**. Oficina Mínima Editora, 2000.

MATTOS, Aclyse de. **Festa**. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2012.

MATTOS, Aclyse de. **Com por: poesias**. 1ª ed. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2020.

SILVA, Carolina Joana da; SILVA, Joana A. Fernandes. **No ritmo das águas do pantanal**. São Paulo: NUPAUB/USP, 1995.